



ENTAC 2024

XX ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO
Maceió, Brasil, 9 a 11 de outubro de 2024



Novas tendências para cidades: produção e consumo no ambiente construído da Pajuçara, Maceió-AL

New trends for cities: production and consumption in built
environments of Pajuçara, Maceió-AL

Maria Elisa Moreira Alves

Instituto Federal de Alagoas | Maceió | Brasil | maria.elisa@ifal.edu.br

Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante

Universidade Federal de Alagoas | Maceió | Brasil | morgana.duarte@fau.ufal.br

Resumo

Nas cidades litorâneas, o crescimento da atividade turística, pode ser entendido como um fenômeno impulsionador do consumo destes espaços. A cidade de Maceió-AL, a partir da década de 1970, passou por um acelerado processo de transformações no seu espaço urbano, motivados em grande parte pelas primeiras iniciativas oficiais voltadas para o turismo. Esse trabalho objetiva compreender o papel do turismo na capital alagoana, transformando e produzindo o ambiente construído enquanto mercadoria, a partir de uma reflexão retrospectiva sobre a transformação da paisagem natural X ambiente construído na beira-mar da cidade. Para essa análise, recortamos o trecho da faixa litorânea do bairro da Pajuçara, região que concentra o maior quantitativo de hotéis e serviços. A análise retrospectiva foi realizada a partir de imagens antigas e atuais, capturadas na plataforma do *Google Street View*, além de um percurso pela faixa litorânea. Os resultados evidenciam significativas substituições de construções horizontais por verticais, áreas naturais substituídas por ambientes construídos destinados à lazer e consumo, inclusive o espaço público da cidade.

Palavras-chave: Turismo. Ambiente construído. Maceió. Faixa litorânea. Pajuçara.

Abstract

The growth of tourist activity in coastal cities can be understood as a driving force behind consumption in such spaces. From the 1970s, the city of Maceió-AL has been through an accelerated process of transformation in its urban area, greatly motivated by the first official initiatives focused on tourism. This work aims at understanding the role of tourism in the capital of Alagoas, transforming and producing the built environment as a commodity, from a retrospective reflection on the transformation of natural landscape X built environment in the city's seafont. For this analysis, we selected the coastal area of Pajuçara, the neighborhood that concentrates the largest number of hotels and services. The retrospective analysis was based on older and current images captured by Google Street View, as well as a route along the coastal strip, that points to a significant replacement of horizontal buildings by vertical ones, and natural green areas by built environments designed for leisure and consumption, even in the city's public space.

Keywords: Tourism. Built environment. Maceió. Coastal area. Pajuçara.



Como citar:

ALVES, M. E. M., CAVALCANTE, M. M. P. D. Novas tendências para cidades: produção e consumo no ambiente construído da Pajuçara, Maceió-AL. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 20., 2024, Maceió. **Anais...** Maceió: ANTAC, 2024.

INTRODUÇÃO

A década de 1970, foi marcada pela intensificação do desenvolvimento das atividades turísticas na faixa litorânea da cidade de Maceió-AL. Desde essa década, o turismo e a especulação imobiliária remodelam e ressignificam a produção do espaço público contemporâneo da cidade, em especial a faixa litorânea, com notável privilégio de equipamentos turísticos, serviços e diversas outras opções de entretenimento, hotéis e edifícios residenciais verticais, é o que afirma Alves [1].

De acordo com Paiva [2], a cidade litorânea como mercadoria reflete uma tendência onde as regiões costeiras são cada vez mais valorizadas e exploradas como oportunidades de investimento à beira-mar, uma dinâmica que é impulsionada pela atratividade das paisagens naturais, e pelo potencial desse cenário para o fenômeno do turismo. Conseqüentemente, essa dinâmica gera transformações na paisagem dessas cidades, decorrentes do processo de produção e consumo desses espaços.

Essa dinâmica é discutida por Cruz [3, p. 5] que entende que o turismo é, “[...] antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. A mesma autora reflete ainda que o fenômeno do turismo é uma prática que produz profundas transformações no espaço geográfico, e resulta no consumo desse espaço, sendo a paisagem o seu recurso turístico.

Não se pode negar as transformações no processo de produção e consumo do espaço litorâneo decorrente da atividade turística, onde para Cruz [4, p.14] “nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo. (...) Esse consumo se dá através do consumo de um conjunto de serviços, que dá suporte ao fazer turístico”. A paisagem das cidades litorâneas, suas praias e ambientes naturais atrai investimentos em infraestrutura e serviços relacionados ao setor turístico, gerando empregos e estimulando o crescimento de pequenas empresas e comércios locais. Neste sentido, Paiva [5] aponta que a produção e o consumo verificados na atividade turística, são visíveis na materialização de bens, mercadorias e serviços:

A produção, o consumo e a distribuição verificada na atividade turística são visíveis em um primeiro momento na diversidade de bens, mercadorias e serviços, procedentes de diversos setores, que servem ao turismo (alimentação, transporte, hotelaria, cultura, artesanato, souvenirs, entre outros). Por outro lado, como o suporte espacial é imprescindível para o turismo, as práticas econômicas de produção, consumo e distribuição se verificam na transformação do espaço, que passa a ser produzido e consumido como mercadoria. [5, p. 36]

Portanto, ao se apropriar do litoral para construir infraestruturas como hotéis, bares, restaurantes e edifícios/residências de alto padrão, o turismo se torna um dos principais impulsionadores da produção e consumo do espaço litorâneo. É nesse sentido que Vargas e Araújo [6] concluem que para acontecer, o turismo acaba por atrair o espaço para seu consumo, apropriando-se dos sistemas de objetos existentes e criando novos objetos para seu uso. Assume-se, portanto, que o turismo exacerba o valor de troca dos lugares, porque os toma como um produto, uma mercadoria, suplantando, o seu valor de uso.

Na faixa litorânea da cidade de Maceió-AL, mais precisamente no bairro da Pajuçara, a interface das atividades turísticas e o processo de verticalização vem transformando e produzindo significativamente a paisagem urbana e o espaço público desse espaço, desde a década de 1970, Alves [1]. Considerando as informações apresentadas, surge a seguinte indagação para direcionamento do trabalho: Como acontecem os diálogos entre a faixa litorânea e a transformação/produção do espaço enquanto mercadoria?

OBJETIVO

O objetivo do artigo é analisar as transformações e produção do espaço para o consumo ao longo do tempo na orla da cidade de Maceió-AL, mais precisamente no bairro da Pajuçara, a partir de uma análise do espaço público e dos empreendimentos da cidade.

MÉTODO

Primeiramente, o trecho do bairro da Pajuçara foi escolhido como recorte para análise, por ser o que concentra atualmente o maior quantitativo de hotéis e serviços voltados para atividades turísticas na faixa litorânea urbanizada. O estudo se baseia em uma abordagem quanti/qualitativa, buscando identificar através de uma análise retrospectiva as transformações e produções da cidade para o consumo, decorrentes das atividades turísticas na cidade. O trabalho foi baseado em duas etapas principais:

- 1 - Retrospectiva a partir de imagens coletadas no *Google Street View* (uso e ocupação do solo);
- 2 - Percurso pela faixa litorânea (fotografias, reflexões e análises).

RETROSPECTIVA GOOGLE STREET VIEW

Conduzimos um estudo retrospectivo, utilizando imagens antigas e recentes, do trecho da faixa litorânea da Pajuçara, capturadas através do *Google Street View*. A imagem mais antiga disponível na plataforma é do ano de 2002, enquanto a imagem mais recente é do ano de 2023. Como resultado, conseguimos elaborar dois mapas comparativos de uso e ocupação do solo dessa região da faixa litorânea, figuras 1 e 2.

PERCURSO PELA FAIXA LITORÂNEA

Foram realizados percursos pela orla marítima do bairro da Pajuçara, com o objetivo de identificar os ambientes construídos voltados para o mar nesse trecho da cidade, buscamos identificar os espaços voltados para lazer e consumo. Além disso, observamos os edifícios (hotéis e residenciais) de uso misto, que possuem fachadas ativas com comércio ou serviço no andar térreo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pela análise retrospectiva realizada a partir de duas imagens coletadas no *Google Street View*, a imagem mais antiga que conseguimos capturar nessa plataforma que é

do ano de 2002 (Figura 1), aponta que nesse período ainda prevaleciam lotes com residências horizontais unifamiliares (29), existia um quantitativo menor de edifícios residenciais verticais (17) e a presença de alguns hotéis (7), além de vazios urbanos nesse trecho da cidade (8). Na imagem mais atual, 2023 (Figura 2), observamos grandes mudanças com relação ao uso e ocupação do solo da faixa litorânea, são os edifícios residenciais (26) e hotéis verticais (19) que predominam no uso e ocupação do solo, ou seja, na paisagem urbana, e percebemos uma presença significativa de uso de serviços (12), e nesse momento, o quantitativo de vazios urbanos (3) é bem menor quando comparado ao período anterior, conferir quantitativos e dados levantados nas figuras 1 e 2.

Figura 1: Mapa de uso e ocupação do solo do bairro da Pajuçara referente ao ano de 2002



LEGENDA:

Usos

- HOTELARIA (7)
- Edifício Residencial Vertical (17)
- Residenciais Horizontais Unifamiliares (29)
- SERVIÇO (3)
- COMÉRCIO (1)
- INSTITUCIONAL (5)
- VAZIO/SUBUTILIZADO (8)
- ESTACIONAMENTO (0)
- NÃO IDENTIFICADO (3)

Equipamentos Urbanos da Orla

- ESPORTE/LAZER**
 - Parque (0)
 - Quadra Esportiva (6)
 - Praça Multieventos (2)
- INFRAESTRUTURA**
 - Língua Suja (3)
- COMÉRCIO/SERVIÇO/INSTITUCIONAL**
 - ◆ Quiosque (6)
 - ◆ Banca de Revista (4)
 - ◆ Banheiro Público (0)
 - ▲ Posto Guarda Vidas (1)
 - Feirinha de Artesanato (2)
 - Centro de Atendimento ao Turista - C.A.T. (0)
 - Cooperativa dos Pescadores da Colônia Z-1 (1)
 - Balança de Peixe (1)
 - ▲ Restaurante (1)
 - Estacionamento (4)

OBS: Não foi possível fazer o levantamento de uso e ocupação do solo do ano de 2002 de modo preciso

Esculturas / Memoriais / Pontos Turísticos



1
Praça Multieventos (Inst. temporárias) Déc. de 1980



2
Homenagem ao Min. Shigeaki Ueki (1974)



3
Memorial Sete Coqueiros (2002)

O Memorial Sete Coqueiros foi marcado considerando o ano de 2002, momento em que novas mudas de coqueiros foram plantadas no mesmo lugar que os originais, mas desde a década de 1970 o espaço é considerado atração turística.

Fonte: os autores.

Figura 2: Mapa de uso e ocupação do solo do bairro da Pajuçara referente ao ano de 2023



LEGENDA:

Usos

HOSPEDAGEM

- Hotel (19)
- Pousada (1)

RESIDENCIAL

- Edifício Residencial Vertical (26)
- Residenciais Horizontais Unifamiliares (4)

SERVIÇO (12)

- COMÉRCIO (1)
- INSTITUCIONAL (4)
- VAZIO/SUBUTILIZADO (3)

ESTACIONAMENTO (1)

- NÃO IDENTIFICADO (2)

Equipamentos Urbanos da Orla

ESPORTE/LAZER

- Parque (2)
- Quadra Esportiva (7)
- Praça Multieventos (2)

INFRAESTRUTURA

- Lingua Suja (6)

COMÉRCIO/SERVIÇO/INSTITUCIONAL

- Quiosque (6)
- Banca de Revista (4)
- Banheiro Público (1)
- Posto Guarda Vidas (1)
- Feirinha de Artesanato (1)
- Centro de Atendimento ao Turista - C.A.T. (1)
- Cooperativa dos Pescadores da Colônia Z-1 (1)
- Balança de Peixe (1)
- Restaurante (4)
- Estacionamento (6)

Esculturas / Memoriais / Pontos Turísticos



Mural Street Art (2013)



Memorial Teotônio Vilela (2005)



Praça Multieventos (inst. temporárias) Déc. de 1980



Escultura Paulo Gracindo (2017)



Escultura Sereia da Pajuçara (2018)



Homenagem ao Min. Shigeaki Ueki (1974)



Memorial Sete Coqueiros (2002)

Fonte: os autores.

Essa comparação entre as imagens aponta que nesse trecho da faixa litorânea existiu um movimento de transformação na paisagem urbana a partir de demolições de construções horizontais para a construção de tipologias verticais, assim como a inserção de espaços construídos voltados para o uso das atividades turísticas, ligadas ao lazer e consumo. Essas transformações no uso e ocupação do solo foram significativas entre o período observado, 2002 a 2023, e são decorrentes do processo de produção do espaço em nome do “desenvolvimento turístico e imobiliário”, comum em cidades litorâneas. Portanto, a significativa construção de restaurantes, quiosques, quadras esportivas, espaços de lazer, hotéis, edifícios residenciais verticais, aponta para a constituição de uma cidade litorânea, que descobriu o turismo como atividade econômica, e conseqüentemente responde as demandas por espaços de lazer e turismo na cidade.

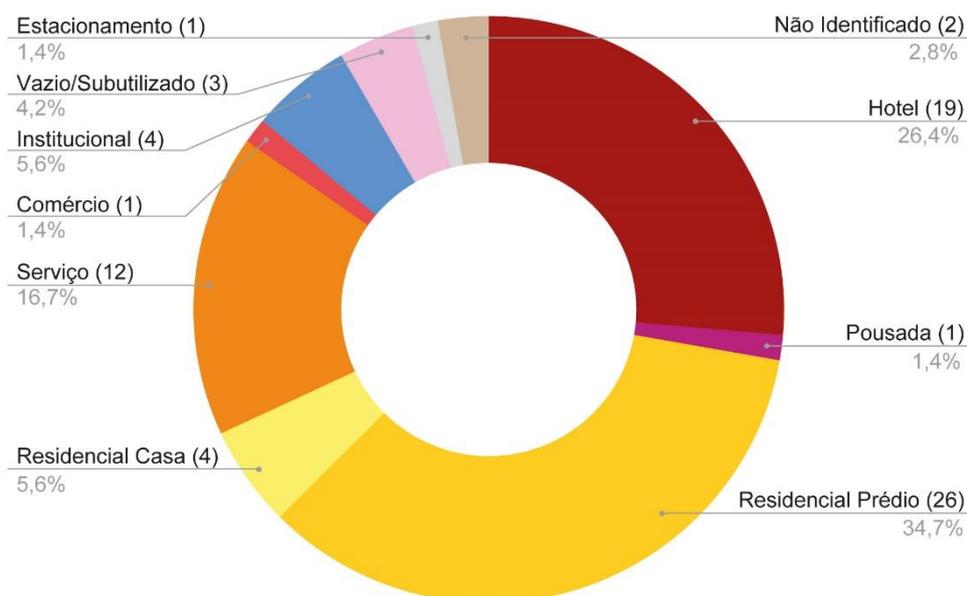
Duarte e Manhas [7, p.8], comentam que essas modificações começam a acontecer a partir urbanização turística “a Pajuçara que era inicialmente formada por sítios, e depois foi bairro de pescadores, com casas porta janela, passa a receber os hotéis na orla e pousadas, no interior do bairro, alcançando um ‘status’ de bairro turístico”. Os autores comentam ainda que:

A nova localização dos hotéis e serviços da cidade firmaram uma reestruturação urbana nos arredores da Pajuçara. A urbanização turística da orla local impulsionou o crescimento e despertou o interesse da população da

cidade e turistas pelo lugar, possibilitando a multiplicação de serviços turísticos como bares, restaurantes, eventos, festividades e vida noturna. [7, p.9]

Esse movimento gerou um privilégio da orla marítima na representação visual da cidade, estimulando processos de seletividade na espacialização, em especial no sentido de transformar os espaços privados e o espaço público da faixa litorânea em mercadoria e vitrine do bairro e da cidade. Desde a década de 1970, a urbanização turística da Pajuçara, gera novos fluxos para a beira-mar, o primeiro, que se refere a demanda e desejo da população local mais abastada em buscar a localização de moradia privilegiada que se volta para o mar (Figura 3), os edifícios residenciais verticais de alto padrão, 34,7% dos lotes beira-mar da Pajuçara atualmente, depois, a concretização de uma área que se efetiva como demanda de espaço de lazer e turismo, como bairro de maior concentração de hotéis verticais na faixa litorânea, 26,4% dos lotes beira-mar da Pajuçara, e grande concentração de serviços para turistas, 16,7% dos lotes da beira-mar da Pajuçara.

Figura 3: Usos da faixa litorânea da Pajuçara referente ao ano de 2023



Fonte: os autores.

Porém, esse processo de estetização vem diluindo os componentes identitários da cultura do lugar, tornando rarefeita o que antes era a sua singularidade, e mais uma vez observamos que os mecanismos financeiros atuam como força propulsora e determinante do consumo no e do lugar. Através da demolição da antiga sede do Clube de Regatas Brasil (CRB) e do Clube Iate Pajuçara, é possível notar a perda de construções históricas e culturalmente significativas para a região, ambos para construção de novos hotéis modernos e verticalizados, por exemplo. Sobre esse apagamento do passado que é disfarçado de desenvolvimento, Duarte e Manhas, destacam a demolição de outra construção, conhecida por “casa rosada” na Pajuçara:

A casa rosada possuía um estilo arquitetônico neocolonial e se encontrava em processo de tombamento estadual para a sua preservação como patrimônio histórico, quando foi demolida e construído um prédio no local (PORTAL DA ARQUITETURA ALAGOANA, 2017) O Portal da

Arquitetura Alagoana (2017) afirma que até a ocorrência da demolição da casa rosada não havia em Maceió um instrumento de proteção para construções históricas que estivessem fora dos bairros de Jaraguá e do Centro. O fato levou à criação desse instrumento pelo município por meio da instituição das UEP (Unidades Especiais de Preservação) para se evitar a repetição da destruição do patrimônio histórico da cidade. [7, p.11]

Na visão de Alves [8], temos presenciado a espetacularização do urbano, um modelo que comercializa a cidade como uma marca, um produto. Passamos a lidar com cidades temáticas, que não têm mais cultura e significado social, onde os espaços públicos se tornaram cenográficos e de consumo, controlados por iniciativas privadas e desenhados para um cliente e não um cidadão.

Durante esse período, as imagens antiga e atual do trecho em análise, apontam para outra observação, a substituição de áreas verdes no espaço da faixa litorânea, por espaços construídos para lazer e equipamentos urbanos para comércio e serviço, além do aumento do número de estacionamentos públicos, que atualmente funcionam como comércio informal. A análise também aponta uma significativa quantidade de edificações que são utilizadas atualmente como meios de hospedagem (hotéis), áreas de lazer (*skatepark*, parquinho ecológico, quadras diversas), espaços de comércio e serviço (quiosques, bancas de revistas, balança de peixe, cooperativa, restaurantes) (Figura 4). O acréscimo da inserção de intervenções urbanas também foi observado, como o memorial Teotônio Vilela e algumas esculturas artísticas nesse espaço da faixa litorânea, que funcionam como atrativos turísticos para a cidade.

Figura 4: Conjunto das edificações e espaços utilizados como lazer e consumo na faixa litorânea da Pajuçara



Fonte: os autores.

Portanto, a mudança de uso e ocupação do solo para inserção de atrativos voltados para consumo e lazer é bem recorrente nesse trecho da faixa litorânea (Figura 5). Nesse mesmo sentido, outra modificação, foi o fechamento de uma rua para inserção de um corredor de atividades múltiplas, em 2019. Em uma reportagem o prefeito da época, Rui Palmeira [9], destacou a importância da obra:

Trabalhamos uma rua em que as lanchonetes e restaurantes são bem tradicionais. Lugar que tem pastel chinês, creperia, pizzaria, sorveteria e hamburgueria, e agora passa a ser majoritariamente para o pedestre, não mais para os veículos. A rua já está movimentada e tenho certeza que os comerciantes vão ganhar muito com isso e a cidade, que ganha mais um atrativo turístico com esse belíssimo boulevard na Pajuçara. [9, 2019, online]

No mesmo trecho da faixa litorânea, outro exemplo de ocupação do espaço público para comércio, é a transformação de um grande espaço livre, em acomodação para *Foodtruck*, veículos que vendem e transportam comidas, que funciona ao lado da feira de artesanato da Pajuçara, outra área comercial que ocupa parte do calçadão da faixa litorânea. Destacamos ainda a praça Multieventos, que desde outubro de 2023 tem funcionado como espaço “Vila Encantada”, assim denominada pela gestão municipal, decorada de forma tematizada, como atrativo para turistas e população local, porém, além de atrativo infantil funciona para comercialização de alimentos e artesanato.

Figura 5: Conjunto das atividades de consumo e lazer da Pajuçara



Nota: Boulevard da Pajuçara (à esquerda); *Foodtruck* da Pajuçara (ao centro) e Praça Multieventos - Vila Encantada, em outubro de 2023. Fonte: domínio público.

Podemos citar também o crescimento do comércio informal diariamente (Figura 6), concentrando ambulantes que circulam pela faixa litorânea vendendo alimentos e artesanato local e principalmente durante os eventos da cidade, além de moradores locais que oferecem serviços turísticos, como jangadeiros que locomovem turistas para as piscinas naturais, e serviços gerais de passeios turísticos. Por ser um local com grande concentração de hotéis, observa-se a presença constante de transportes como “vans”, serviço que oferece aos turistas pacotes de viagens para outros municípios do estado.

Figura 6: Mercado informal da Pajuçara



Fonte: os autores.

O uso do espaço público para acomodação de serviços e comércio, aponta para o pensamento de Alves [8], quando reflete que o espaço público que deveria ser democrático, igualitário e acessível a todos, vem se transformando em produto de

consumo excludente e acessível a poucos. Isso se dá principalmente devido ao domínio do capitalismo no espaço público, de tal forma que não se distingue claramente o que é público e o que é privado. Nesse sentido, Alves [10], pontua ainda como a vida pública e a cultura contemporânea se relacionam com o consumo e a circulação do capital, de maneira que os impactos sobre a experiência coletiva no território urbano e na produção do espaço público refletem não apenas na instrumentalização do espaço, mas também na redução do seu valor público.

Além disso, quando analisamos a relação dos edifícios construídos com a cidade, percebemos também uma tendência de utilizar o andar térreo dessas edificações como espaços de convívio social e consumo na cidade. Os andares térreos vêm sendo adaptados como lugares de uso coletivo e como ponto de ligação entre o espaço privado (edifícios), e o espaço público (beira-mar). Alguns exemplos desses novos usos nos andares térreos das edificações, são: restaurantes, galerias, cinema, agência de turismo, entre outros. Vários desses edifícios construídos utilizam também o lazer, como ambiente de convívio social e conexão entre os edifícios e a cidade, ou seja, entre o mar e o edifício (Figura 6).

Figura 4: Edificações e espaços utilizados como lazer e consumo na faixa litorânea da Pajuçara



Nota: Brisa Hotel, parte do térreo como restaurante, com acesso voltado e aberto para a cidade (à esquerda acima); Hotel Pajuçara Express, parte do térreo como agência de turismo, com acesso voltado e aberto para a cidade (à direita acima); Edifício Neo, parte do térreo como sorveteria, com acesso voltado e aberto para a cidade (à esquerda abaixo) e Edifício Sea Tower, térreo como galeria de serviços, com acesso voltado e aberto para a cidade (à direita abaixo). Fonte: o autor.

Os andares térreos, espaços que interligam edifício e cidade, não devem ser encarados unicamente como espaços de passagem, mas espaços que devem legitimar diversidades de usos, experiências e vivências, espaços que devem proporcionar oportunidades para encontros desprentensiosos, de forma espontânea, que estimulem convivência e socialização. Gehl [11, p.75] define que nos andares térreos, os espaços de transição são como “a zona onde as atividades realizadas dentro das edificações podem ser levadas para fora, para o espaço comum da cidade.” O autor comenta ainda que o tratamento dos espaços de transição da cidade, em especial, os andares mais baixos dos edifícios, têm influência decisiva na vida do espaço urbano.

Portanto, com relação a vida no espaço urbano, a variedade de estratégias de consumo e lazer observadas no ambiente construído desse trecho do bairro e no andar térreo dos edifícios construídos, acabam por gerar mais vitalidade e dinâmica ao espaço urbano. A série de demandas por lazer e turismo como a contemplação ou banho do mar, exercícios de esporte, eventos, restaurantes, comércio ambulante, eventos, dentre outras, acabam gerando uma maior interação entre residentes e turistas, seja para se exercitar, trabalhar, divertir ou passear. Convivem diferentes atores, que realizam distintas atividades, uns utilizam como espaço de lazer, residência, enquanto outros como espaço de trabalho (pescadores, motoristas, vendedores ambulantes, entre outros). Porém, vale ressaltar que o grande foco dado a vitalidade nesse trecho do bairro, não parece refletir em outras ruas do mesmo bairro, esquecidas e negligenciadas.

CONCLUSÃO

Esse trabalho apresentou uma análise e reflexão sobre a transformação e produção do espaço para o consumo na faixa litorânea do bairro da Pajuçara, localizado na cidade de Maceió. O trabalho foi realizado a partir de duas análises principais, a retrospectiva a partir de imagens coletadas no *Google Street View* (uso e ocupação do solo), e um percurso pela faixa litorânea.

A análise retrospectiva realizada aponta que o processo de produção do espaço público decorrente da atividade turística é substantiva na orla do bairro da Pajuçara. Identificou-se transformações no uso e ocupação do solo da beira-mar em especial para o turismo, alterando os espaços públicos e privados como produto de consumo. Construção de hotéis, edifícios residenciais, restaurantes, barracas, quadras esportivas, espaços de lazer, apontam para a consolidação de uma cidade litorânea, que tem o turismo como atividade econômica. Conseqüentemente, o espaço público que deve pertencer a todos, de forma aberta e gratuita passa a ser um elemento de reprodução do capital, como é o caso da apropriação de espaços livres no calçadão da beira-mar para estacionamentos informais, quiosques e restaurantes que muitas vezes cobram pelo espaço na areia.

A reflexão sobre essas transformações e os processos que as constituem nos levam a questionar de que maneira as alterações físicas desse território reverberam nas experiências sociais coletivas e individuais, uma vez que essas intervenções visam principalmente o desenvolvimento da cidade em busca de um ideal, torná-la

competitiva e atrativa. Dessa forma, a transformação da cidade, os espaços públicos e privados, direcionam-se prioritariamente para o lucro.

Por outro lado, o percurso pela faixa litorânea, aponta para um ambiente de cidade com vitalidade e dinâmica urbana, decorrentes principalmente dessa variedade de usos na ocupação do ambiente construído da faixa litorânea, e no andar térreo de alguns edifícios construídos. Toda essa variedade, acaba permitindo uma diversidade de atores, funções e atividades compondo a dinâmica desse trecho da cidade, mesmo sendo perceptível os limites e barreiras de acesso a muitos dos ambientes construídos.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, Maria Elisa Moreira. **Turismo e especulação imobiliária de consumo da natureza, um percurso pela faixa litorânea urbanizada da cidade de Maceió-AL**. In: CILITUR, 2023, Fortaleza. Anais do IV CILITUR ? Colóquio Internacional sobre Cidades Litorâneas e Turismo, 2023.
- [2] PAIVA, Ricardo Alexandre. **Turismo, produção e consumo do espaço**. In: Turismo, Arquitetura e Cidade. 1. ed. São Paulo: Manole, 2016. v. 1. p 33- 53.
- [3] CRUZ, Rita de Cássia A. **Política de turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil**. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.
- [4] CRUZ, Rita de Cássia A. **Turismo, território e o mito do desenvolvimento**. In: **Espaço, turismo e desenvolvimento**. Revista do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília, vol. 3, n. 1, jan./jun. p. 19-26, 2000.
- [5] PAIVA, Ricardo Alexandre. **A metrópole híbrida: o papel do turismo no processo de urbanização da região metropolitana de Fortaleza**. Tese de doutorado. Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo das Universidades de São Paulo. São Paulo, 2011.
- [6] VARGAS, Heliana C; ARAÚJO, Cristina P. **Sorria: Você está na Bahia. A urbanização e a turistificação do litoral bahiano**. In Anais do XV ENANPUR (2013), v. 15 n. 1.
- [7] DUARTE, Rubens O; MANHAS, Adriana Capretz B.S. **Pajuçara: da Primeira moradia a cartão-postal. A urbanização turística de Maceió e a criação de um novo olhar para a cidade**. In Anais do I CILITUR (2017).
- [8] ALVES, Manoel Rodrigues. **Public Spaces, Spaces of Public Domain: icons of a contemporary simulacrum?**. In: Carlos Smaniotto Costa; Monika Maciulienė; Marlucci Menezes; Barbara Marusic. (Org.). Co-creation of Public Open Places. Practice-Reflection-Learning. 1ed.Lisboa: CeIED - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2020, v. 1, p. 71-84.
- [9] TRIBUNA HOJE. **Boulevard e Praça Rex são entregues à população no bairro da Pajuçara**. 2019. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2019/08/10/73472-boulevard-e-praca-rex-sao-entregues-a-populacao-no-bairro-da-pajucara>. Acesso em: 15 setembro 2023.
- [10] ALVES, Manoel Rodrigues. **Transformações culturais e contradições urbanas do espaço público contemporâneo**. Revista CIDADES: Grupo de Estudos Urbanos, São Paulo - Vol. 1, n. 1, 2014.
- [11] GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo. Editora Perspectiva. 2013.